



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAPÁ – IFAP CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MIGUEL DE FRANÇA

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A
PARTIR DOS ESTUDOS DE CHALITA NAS ESCOLAS DE FERREIRA GOMES**

FERREIRA GOMES - AP

2022

MIGUEL DE FRANÇA

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A
PARTIR DOS ESTUDOS DE CHALITA NAS ESCOLAS DE FERREIRA GOMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, campus Porto Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Professor Orientador: Diogo Angeli
Theotonio

FERREIRA GOMES – AP

2022

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A
PARTIR DOS ESTUDOS DE CHALITA NAS ESCOLAS DE FERREIRA GOMES**

MIGUEL DE FRANÇA

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso aprovado como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia pela Banca Examinadora
formada por:

Presidente Professor Nome do professor

Membro Professor Nome do professor

Prof. Esp. Fabricio dos Santos - Nome do professor.

À minha querida família, que tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso, em especial a minha esposa e companheira Maria Solange Palheta Leal, a minha filha Elyneyde Leal dos Reis. Aos amigos: Dilza Reis, Cristian Roger, Morgana Santiago, Samy Araújo, Tatiana Araújo e aos meus colegas de curso, que assim como eu encerram uma difícil etapa da vida acadêmica, principalmente aos que também estão em distorção idade/série.

AGRADECIMENTOS

“Muitas são, Senhor meu Deus, as maravilhas que tens operado (...) e os teus pensamentos não se podem contar (...)”. Quisera eu anunciá-los e manifestá-los, mas são mais do que se podem contar (Salmos 40). Assim, Senhor, quero dizer obrigado por mais uma conquista, na qual sua mão esteve permanentemente estendida sobre a minha vida. Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, a Universidade Aberta do Brasil – UAB. As professoras Darléia Ferreira de Moraes e Eloísa Assunção da Silva de Oliveira. Meus sinceros agradecimentos pela confiança depositada na minha proposta de projeto pelo orientador do meu trabalho, professor Diogo Angeli Theotônio. Muitíssimo obrigado por me manter motivado durante todo o processo e a todos os meus colegas e amigos de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante esses anos e que lutaram bravamente para concluir este curso.

A aprendizagem não é apenas um processo cognitivo, é também afetivo.

(Vygotsky)

RESUMO

O estudo focaliza a influência da afetividade no processo de aprendizagem a partir dos estudos de Chalita nas escolas do município de Ferreira Gomes, Estado do Amapá, especificamente no 3º ano do Ensino Fundamental das escolas municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro. Um tema que vem sendo visto pela educação, como um caminho para a obtenção de bons resultados escolares e conseqüentemente, na vida adulta dessas crianças. Em vista disso, acredita-se que muitos problemas como as dificuldades de aprendizagem advêm de valores éticos, morais e/ou sociais.

Ele fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno dentro de um contexto escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a realização de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio da aplicação de um questionário com questões objetivas, que continham questões sociais, econômicas e culturais. Durante a escolarização da criança pressupõe-se que haverá várias interações, nas quais a afetividade está presente.

Nesse sentido, a escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, sendo que o professor é fundamental para a aprendizagem dos educandos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Através da pesquisa realizada, pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

Palavras-Chave: Afetividade; relação professor e aluno; aprendizagem.

ABSTRACT

The study focuses on the influence of affectivity in the learning process from the studies of Chalita in schools in the municipality of Ferreira Gomes, State of Amapá, specifically in the 3rd year of Elementary education of municipal schools Pastor Jaci Torquato and João Freire Cordeiro. One theme that has been seen by education as a way to obtain good results in school and, consequently, in the adult life of these children. In view of this, it is believed that many problems such as learning difficulties stem from ethical, moral and/or social.

It is based on presenting the contributions of the affective relationship to the process of learning, understanding how the affective relationship between teacher and student happens within a school context. For this study, in addition to conducting a survey literature there was also a field research of investigative character exploratory, through the application of a questionnaire with objective questions, which contained social, economic and cultural issues. During the child's schooling, it is assumed that there will be several interactions, in which affectivity is present.

In this sense, the school must provide a space for reflection on the life of the student as a whole, contributing to the development of a critical conscience and transformative, in which this process should not be dissociated from affectivity, and the teacher is fundamental for the students' learning, making affectivity one of the elements that influence this process. Through the research carried out, it can be seen that affectivity is essential for educational performance, since the words of the children make it very clear that affectivity represents an important aspect in the process of learning, which is based on mutual respect, dialogue and, above all, affection reciprocal.

Key words: Affectivity; teacher and student relationship; learning

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
2.1 OS SUJEITOS	13
3. DEFINIÇÕES SOBRE AFETIVIDADE	14
3.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE	16
3.2 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	17
3.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 PERCEPÇÃO DOS DIRETORES, PEDAGOGOS, PROFESSORES E PAIS DAS DUAS ESCOLAS	27
4.2 PERCEPÇÃO DOS DIRETORES DAS DUAS ESCOLAS	28
4.3 PERCEPÇÃO DOS PEDAGOGOS	30
4.4 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DAS DUAS ESCOLAS	32
4.5 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS	34
4.6 PERCEPÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS	37
5. PROPOSTAS DIDÁTICAS COMPLEMENTARES	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
7. REFERÊNCIAS	46
8. ANEXOS	49
ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS DIRETORES DAS DUAS ESCOLAS	49
ANEXO B - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PEDAGOGOS DAS DUAS ESCOLAS	50
ANEXO C- QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PROFESSORES DAS DUAS ESCOLAS	51
ANEXO D - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS	52
ANEXO E - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PAIS DE ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS	53

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho enfoca a influência da afetividade no processo de aprendizagem a partir dos estudos de Chalita (2001). O universo foram duas escolas públicas localizadas no município de Ferreira Gomes, Estado do Amapá, mas se restringiu ao 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois os professores das determinadas escolas têm trabalho de acordo com o tema proposto.

A relação entre professor e aluno é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, esta relação em especial à afetividade pode influenciar esse processo de forma bastante significativa. O educador é responsável por estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa, pois é nessa relação que o educando deve adquirir a maior gama de conhecimento de forma que possa aplicá-la na sua vida futura, sendo assim, a relação de afetividade entre o aluno e o professor é muito relevante na construção do conhecimento. Desse modo, fica claro entender que as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um promovem ações do outro. “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos”. (LIBÂNEO, 1990, p.274).

Ao perceber a importância de uma relação afetiva positiva entre docentes e discentes para o processo e desenvolvimento da aprendizagem da criança do 3º ano do ensino fundamental, sentiu-se a necessidade de desenvolver uma pesquisa a fim de verificar se o fortalecimento das relações afetivas entre ambos contribui para um melhor rendimento escolar. Neste sentido, acredita-se que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também pode estabelecer uma relação afetiva com seus alunos, o que facilitaria esse processo de aprendizagem.

Assim, faz-se necessário mencionar, que a parte afetiva nesta fase é fundamental, pois ela determina de modo positivo ou negativo as características que a criança mesma atribui aos objetos, pessoas ou situações com as quais convive. Ela prossegue em seu desenvolvimento afetivo e motor, porém as características de seu comportamento são determinadas pelo desenvolvimento intelectual, ou seja, a interação com o meio é fator importante na formação do indivíduo, pois a partir das

relações com o outro, assumindo nos respectivos grupos funções diferenciadas, é que a criança se familiariza com as relações interpessoais, na interação com o meio social. Dentro deste contexto, o professor surge como mediador nos grupos inseridos no ambiente escolar, fazendo com que a escola seja um local enriquecedor para a criança, proporcionando uma relação dialética com o outro e com o mundo. Assim:

Os meios onde a criança vive e os que ambicionam são o molde que dá cunho à sua pessoa. Não se trata de um cunho passivamente suportado [...] o meio [...] começa por dirigir suas condutas, e o hábito precede a escolha, mas a escolha pode impor-se, quer para resolver discordâncias, quer por comparação de seus próprios meios com outros (WALLON *apud* AMARAL, 2007, p.53).

Nesse passo, acredita-se que afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

Também é importante dizer, que as demonstrações de carinho, cuidado e respeito entre professores, alunos e seus pares são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos cidadãos. Muitas vezes, os adultos ficam ansiosos pelas etapas de desenvolvimento de seus filhos, bem como: falar, andar, brincar com outras crianças, comer alimentos sólidos, ir para a escola e ali aprender inúmeras coisas, porém alguns se esquecem de que antes disso tudo acontecer às crianças já estão descobrindo e aprendendo a lidar com diversos sentimentos e emoções. Pensando justamente nisso, que o docente não pode ignorar que seus educandos, assim como ele, são seres que quando tratados com afeto têm mais chance de se desenvolver emocional e intelectualmente.

O problema em questão é: as dificuldades de aprendizagem das crianças do 3º ano, das escolas municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro podem ser minimizadas a partir da relação de afeto entre o professor e aluno a partir dos estudos de Gabriel Chalita?

A hipótese levantada para responder o problema é de que os problemas de aprendizagem tendem a estarem relacionados à carência de valores éticos, morais e/ou sociais. Assim, tem-se como preocupação pesquisar a influência da afetividade para o processo de aprendizagem no 3º ano do ensino fundamental. Para isso, tenta-se demonstrar o quanto ela está presente em todo o ambiente escolar das crianças, e o quanto isso afeta em sua escolarização.

Segundo PIAGET (1992), o desenvolvimento intelectual tem dois componentes: o cognitivo e o afetivo, que caminham juntos. Para ele, toda ação e pensamento são ações cognitivas, representadas pelas estruturas mentais e afetivas. Neste sentido, pode-se mencionar que quando a relação afetiva entre o professor e a sua classe é positiva, os alunos desenvolvem melhor sua memória, autoestima, vontade e pensamento, ou seja, esses aspectos influenciam o desenvolvimento cognitivo, pois é preciso ter vontade, estar confortável e feliz no ambiente escolar para de fato querer estudar.

Sendo assim, a presente pesquisa justifica-se porque ao se desejar investigar a influência da afetividade no processo de aprendizagem entre professor e aluno, deseja-se também conhecer se de fato o bom relacionamento proporcionado pela afabilidade do professor no trato com seus alunos podem levá-los à motivação para estudar, pois se acredita que quando o aluno se sente motivado para aprender, seu grau de conhecimento e rendimento escolar aumenta significativamente.

Assim sendo, esta pesquisa tem como principal objetivo analisar as contribuições da relação afetiva entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, além de observar como a afetividade está subjacente à prática do educador, identificando também as principais dificuldades enfrentadas pelos professores para estabelecer uma relação afetiva no cotidiano de sala de aula, bem como caracterizar as interações vivenciadas na escola e na sala de aula.

Foi utilizada a consulta bibliográfica e a pesquisa de campo realizada por meio de aplicação de questionário ao público mencionado anteriormente. Os métodos utilizados foram o método descritivo e a pesquisa bibliográfica.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizou-se como metodologia desta pesquisa, a observação, consulta bibliográfica e a pesquisa de campo, realizada por meio de aplicação de questionário e entrevista ao público referido ao 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental das duas escolas municipais: Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro. Na seqüência, foram interpretados os dados obtidos.

A técnica da observação, conforme Rudio (1986, p. 39), deve ser considerada “como ponto de partida para todo estudo científico e meio para verificar e validar os conhecimentos adquiridos”.

Não se trata apenas de ver, mas de examinar. Não se trata somente de entender, mas de auscultar. Trata-se também de ler documentos (livros, jornais, impressos diversos) na medida

em que estes não somente nos informam dos resultados das observações e pesquisas feitas por outros, mas traduzem também a reação de seus autores (RUDIO, op. cit., p. 39).

Tendo em vista que se fez pesquisa bibliográfica, acerca dessa técnica:

(...) é aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Mas ela também inclui outras formas de publicação, tais como artigos de jornais e revistas dirigidos ao público em geral (ADEODATO (s.d.), apud GIL, 1991, p. 48).

Nesse sentido, pode-se mencionar que a pesquisa bibliográfica nos possibilita um olhar mais crítico e amplo com relação a inúmeros temas que se propõe a estudar, assim como os permite também conhecer a concepção diversificada ou não de vários autores através de livros, jornais, artigos científicos e outros.

Considerando que também se usou a técnica da entrevista, note-se:

Numa entrevista, as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexão, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto. Estamos, a todo o momento, em nossas pesquisas, convidando os participantes à produção de sentidos (SPINK, 2000, p. 45, apud TEIXEIRA, 2000).

Nesse passo, acredita-se que a técnica da entrevista cada vez mais, vem sendo utilizada em trabalhos científicos, porém nem sempre com a qualidade e rigidez de critérios satisfatórios para o enriquecimento de uma pesquisa, ou seja, há a necessidade de uma correta utilização da entrevista para a obtenção de resultados mais qualitativos, assim como apontar os passos e as técnicas necessárias para a sua utilização.

2.1 OS SUJEITOS

Investigou-se, nas Escolas Municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro, o seguinte público-alvo: 02 diretores, 02 técnicos da coordenação pedagógica, 08 professores (1º ao 5º ano), 23 alunos do 3º ano e 10 pais desses alunos.

Ressalta-se que para garantir maior liberdade de expressão aos investigados recomendou-se não identificação, como também se garantiu que nenhum nome seria mencionado quando da análise dos dados. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o questionário e a observação. O questionário foi aplicado aos diretores das duas escolas, equipe pedagógica, professores, alunos e pais. Tal instrumento foi constituído de 06 perguntas.

As informações continham questões sociais, econômicas e culturais, que

ajudam a compreender melhor o ambiente cognitivo e afetivo dos alunos. As questões respondidas foram tabuladas, agrupando-as conforme as respostas dos entrevistados, bem como interpretadas, subsidiando uma relação com os teóricos abordados durante o trabalho. Essa interpretação dos dados teve como objetivo contribuir com as discussões em torno da influência da afetividade na relação entre professor e aluno, buscando na conversa com os diretores, pedagogos, professores, discentes e pais desses discentes o quanto ela é importante no processo de aprendizagem.

3. DEFINIÇÕES SOBRE AFETIVIDADE

Uma das dificuldades no estudo sobre a afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, amor, carinho e simpatia. Neste sentido, pode-se dizer que a afetividade está relacionada aos mais diversos termos, bem como: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos. Na grande maioria das vezes, confundida com emoção. Assim sendo, acredita-se que a afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, à vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

A palavra emoção vem do latim *movere*, mover-se para fora, externalizar-se. É a máxima intensidade do afeto. A emoção é definida assim, pelo Dicionário Aurélio (1994): “Psicol. Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha de um estado afetivo de conotação penosa ou agradável”. Segundo o Dicionário online de português, afetividade é “Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões, etc)”. Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual. É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar as suas emoções e sentimentos a outro ser. É considerado também o laço criado entre humanos com uma amizade mais aprofundada. Afeição (vinda de afeto), é representada por um apego a alguém, o que gera carinho, saudade, confiança e intimidade, o termo perfeito para amor entre duas pessoas.

O afeto é um dos sentimentos que mais gera autoestima entre pessoas. Afeto

significa afeição; amizade; amor e designa um estado da alma, um sentimento; é uma mudança ou modificação que ocorre simultaneamente no corpo e na mente de alguém. A maneira como somos afetados pode diminuir ou aumentar a nossa vontade de agir.

Desta maneira, entende-se que a afetividade deriva de afeto, ou seja, não apenas de carinho, mas também à afeição e ao amor que se tem por determinadas pessoas, objetos ou situações. Esse sentimento de bem querer é muito positivo, e acredita-se que necessário para que um indivíduo se sinta parte de um todo, desenvolva o seu caráter e a sua autoconfiança, além de encontrar apoio no decorrer da vida.

Para Wallon (1979), duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência.

A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. As relações sujeito e objeto do conhecimento a afetividade se fazem presentes na mediação sutil que incentiva a empatia, a curiosidade, capaz de fazer a criança avançar em suas hipóteses no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido razão e emoção não se dissociam, visto que uma não acontece sem a outra.

Neste sentido, faz-se necessário ressaltar, que a afetividade promove a autoconfiança, a autoestima, o apoio mútuo, o desenvolvimento e também impacta positivamente na saúde do corpo e da mente, fortalecendo o seu relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

A cada dia que passa as tecnologias estão mais avançadas às pessoas cada vez mais trocam de celular, computadores, carros a todo instante, devido às novidades tecnológicas. Com esse desenvolvimento tecnológico, muitos pensam que a máquina pode chegar a substituir o professor no processo de ensino-aprendizagem. Realmente ela é de grande valia na construção desse processo, mas segundo Chalita (2001) por mais evoluída que seja a tecnologia, a máquina jamais substituirá o professor, pois a mesma não consegue dar afeto e passar emoção ao educando, pois isso é privilégio humano.

Está claro que a máquina não substituirá o professor, mas será que por isso ele não deve ficar preocupado? E assim ministrar suas aulas de qualquer jeito, impondo aos alunos, sem se preocupar com que os mesmos pensam, sem conhecê-los e sem levar em consideração seus conhecimentos? É obvio que não, o professor deve sim se preocupar com seus alunos e temos essa afirmação com Chalita que diz que

o professor deve conhecer não só a matéria que ministra, mas, as outras também e principalmente conhecer o aluno. E para ele “(...) tudo que diz respeito ao aluno, deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso”. (CHALITA, 2001, p. 165).

Todo professor deve conhecer seu aluno, pois ao conhecê-lo, tem condições de entender melhor o seu universo, e assim poderá amá-lo, respeitá-lo na sua individualidade e dar a atenção necessária nas respostas das suas dúvidas e anseios.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

De acordo com PIAGET (1992), O afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência e no desenvolvimento social do ser humano; é tão importante que sem ele não há motivação nem interesse para se fazer o que é proposto. O ser humano precisa ser motivado para realizar suas tarefas, é claro que, quando não há essa motivação, o indivíduo pode fazer o que é proposto, mas nunca com o mesmo prazer de quem foi motivado para tal.

Desde a Grécia Antiga, vários pensadores, como Platão, Descartes, Kant, Piaget, Vygotsky e Wallon afirmaram uma suposta dicotomia entre razão e emoção. Eles assumiam que o raciocínio humano tinha maior valor.

Kant¹ (1786) declara que é impossível haver um encontro entre a razão e a felicidade. Note-se a frase: “Se Deus tivesse feito o homem para ser feliz, não o teria dotado de razão”.

A questão da separação da razão e emoção continua em pauta quando se usa certas metáforas como “não aja com o coração”, “coloque a cabeça para funcionar”. Assim, acredita-se em que, para tomar a decisão correta e desvinculada da razão, devem-se deixar as emoções de lado.

Kant (2002) em estudos da ciência Psicologia pode-se verificar que a razão está desvinculada da emoção. É considerável que foi influência da Filosofia, a qual sempre separou o cognitivo da afetividade. Não se sabe ao certo se esta separação se deu pela dificuldade de estudar os temas conjuntamente ou por estudarem somente a temática que se propuseram.

Alguns estudiosos adotavam posicionamentos contrários às teorias que separavam a razão da emoção, a cognição da afetividade. Se outrora houve esta separação, hoje, percebe-se uma manifestação de união entre elas na busca de um

¹ Na obra Fundamentação da Metafísica dos Costumes.

ser completo psicologicamente.

Jamil Cury (2005) comenta que Piaget criou, a partir do estudo das concepções infantis, um campo de investigação que denominou epistemologia genética, teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança. PIAGET (1992) expõe que, a inteligência depende da ação do sujeito sobre os objetos, numa espécie de diálogo entre estruturas internas e realidade externa. Assim, para realizar tarefas, relacionar-se com os outros ou consigo mesmo, a interação da afetividade e da cognição é necessária, pois todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo, que são objeto de conhecimento, são também de afeto e essa relação inicia-se desde o nascimento.

Vygotsky (1992, apud CURY, 2006) também estudou as relações de afeto e cognição. O resultado desse estudo revelou que as emoções fazem parte do funcionamento mental do ser humano e não devem estar dissociadas. Vygotsky buscou, no desenvolvimento da linguagem, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo, já que a linguagem forneceria conceitos e formas de organização da vida real. Com isso, foi verificado que o indivíduo - a partir do que vive, cria, recria e sente - vai construindo, ou melhor, vai-se desenvolvendo como ser humano.

Wallon (1992, apud CURY, 2006), filósofo, médico e psicólogo francês, buscando entender o psiquismo humano, baseou seus estudos na dimensão afetiva, negando as primeiras teorias que postulavam separação entre a razão e a emoção. Ao criticar essas teorias, afirmou que as emoções são fenômenos psíquicos, sociais e orgânicos. Segundo Wallon (1992 apud DANTAS, 1992), a afetividade é anterior ao desenvolvimento, e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa, é por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. As transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio, a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica. Desta forma, nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo.

3.2 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Pode-se dizer que uma das dificuldades no estudo sobre a afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Segundo CHALITA (2001) Na

linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho, simpatia e amor. Ele menciona que a afetividade está relacionada aos mais diversos termos, bem como: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros.

Outra importante contribuição sobre essa definição vem de Henry Wallon. As ideias dele sobre afetividade e emoção se constituem num aparato teórico psicogenético de inestimável valor para o entendimento das formas de aprendizagem na realidade escolar. Ele, com seus estudos, contribuiu grandemente para o reconhecimento da importância da afetividade na vida da criança. WALLON (2007) afirma, em suma, que a expressão emocional, o comportamento e a aprendizagem do ser humano são interdependentes. Mahoney e Almeida (2004, p.14) afirmam, a este respeito:

Em outras palavras, o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições orgânicas e de suas condições de existência cotidiana, encravada numa dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época.

Assim, percebe-se que a teoria de Henry Wallon tinha, entre outros objetivos, valorizar a interação entre indivíduo e meio social, bem como aprofundar a compreensão sobre o papel da afetividade na vida psíquica e no processo de ensino-aprendizagem (ALMEIDA; MAHONEY, 2007).

Já para VYGOTSKI (2000, p.146) o processo de aprendizagem ocorre através de interações pessoais constantes, ou seja, é por meio do outro que o indivíduo molda seus pensamentos e ações, construindo assim novos conhecimentos:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Com uma perspectiva teórica pautada no social, Vygotski defende a afetividade na relação entre professor e aluno, tratando-a como inseparável do processo de construção do conhecimento, quando diz:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo (VYGOTSKI 2003, p.121).

Neste sentido, faz-se necessário destacar que a afetividade no ambiente

escolar contribui para o processo de ensino e aprendizagem, haja vista de que se acredita que o ensino não deve ser concebido de forma unilateral, ou seja, o educador não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os educandos e ainda estabelece uma relação de troca. Desta forma, a afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, à vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. De acordo com as abordagens de FREIRE (2007), percebe-se uma ampla demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos cidadãos. E para compreender melhor essa prática dialógica, o autor acima evidenciado afirma que:

(...), o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2007, p. 91).

Nesse contexto, quanto mais o docente compreender a importância do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores serão os avanços nessa relação com os discentes no que tange a formar cidadãos críticos, capazes de transformar a sua realidade, ou seja, quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador nesse processo de ensino e aprendizagem.

Falar de relacionamento humano é muito complexo, pois os seres humanos são diferentes entre si, e, ainda assim, são seres de relações. “Nessa perspectiva, os relacionamentos ocorrem em todas as direções e entre todos os seres, sejam considerados vivos ou inanimados” (ROCKEMBACH, 2003, p. 154).

Quanto aos relacionamentos entre educador e educando, o autor acima mencionado enfatiza que os professores ainda estão engajados em busca de uma educação de qualidade e que buscam compreender paradigmas. O autor também contribui, dizendo que o ser humano por ser um ser de relações, interage consigo, com o outro e com Deus. Assim, pode-se dizer que a criança tem uma necessidade natural de ser amada, aceita, acolhida e ouvida, e, neste sentido, o professor é

quem desempenha esse papel e encaminha o aluno no caminho da motivação, da busca e do interesse.

Na sala de aula, é impossível falar no professor sem lembrar-se do aluno, pois, assim como a família e a escola, o professor e o aluno são fundamentais para a educação e para o relacionamento humano. É inegável a dificuldade que existe nas relações de convivência em inteira harmonia (pois todos têm modos diferentes de pensar e agir). O autor abaixo apresenta a seguinte sugestão para se diminuir tais dificuldades:

Construir uma proposta educativa, inserida no contexto em que trabalhamos, implica a luta por melhores condições de vida para todos, mas, sobretudo, a luta por um novo modo de vida, por novas relações no mundo do trabalho, novas relações em todos os campos (SANTOS, 2002, p.85).

Nesse sentido, percebe-se que todos são capazes de construir bons relacionamentos em todas as áreas, seja em casa, na escola, na rua. Enfim, pode-se viver bem com todas as pessoas, independente de raça, cor e sexo. Em relação à questão educativa, os professores têm o dever de conviver em harmonia, respeito e sinceridade com seus alunos, principalmente, considerando que ambos convivem durante pelo menos 200 dias no ano, período no qual se criam laços entre essas pessoas.

É extremamente necessário ver o aluno como um ser individual, pensante, capaz de construir o seu mundo, o seu espaço e, a partir da sua interação com o que o cerca desenvolver-se. A afetividade e a valorização da estima do aluno no ambiente escolar contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Assim, pode-se mencionar que a afetividade e a inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e mediados pela socialização, ou seja, a afetividade é necessária para que as pessoas sejam felizes, seguras e capazes de conviver no mundo que as cercam. Vale ressaltar, que a afetividade não é apenas dar carinho, vai além disso, é saber ouvir, tentar compreender o outro, aproximar-se, valorizá-lo.

E, para isso acontecer, o professor também deve estar de bem consigo mesmo, pois, como se valorizará alguém, se não se valorizar a si próprio; como respeitar alguém, se não se respeitar a si mesmo.

Faz-se mister uma nova postura do educador, atitude de respeito e zelo pelo que o aluno sabe e pode aprender, sem subestimar sua inteligência. Mostrar ao aluno que exercer a prática docente com competência é a função do educador, sem deixar de ser humano, garantindo um ensino de qualidade por meio do qual os

alunos verdadeiramente aprendam o porquê de gostarem ou de precisarem aprender e não simplesmente o porquê de ganharem determinada nota.

É importante que, neste processo de construção da coletividade em sala de aula, seja superado o “jogo do empurra-empurra” quando não se sabe ou não se assumem responsabilidades. Buscar culpados pelo problema não é o correto. Ideal é elencar fatores que causam tal problema. Apenas culpar este ou aquele não resolverá o problema. Todos os agentes do processo educativo devem ter claras suas funções e responsabilidades. E, para essa postura, Vasconcellos (2001, p. 67) aponta que “as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: **Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno**”. Afirma ser necessária a participação de todos para enfrentar o problema e construir coletivamente a disciplina.

A escola precisa explicitar, no projeto educacional, o sentido e a linha pedagógica que todos os envolvidos irão adotar e quais normas irão cumprir. Para tal, é necessário reunir com os participantes para buscar soluções aos problemas diários; investir na formação permanente e em serviço do professor, adequar o currículo escolar, trabalhar com a família do educando, investindo no trabalho de formação e conscientização dos pais, valorizar e melhorar as condições de trabalho dos educadores. Com isso, o professor se sentirá respeitado e apoiado pela escola.

O professor, sendo ou não valorizado, necessita assumir o seu trabalho no todo, não fingir que ensina. Acreditar em que suas aulas e postura conseguem transformar a vida escolar e até social de seus alunos. O professor deve, sempre que possível, avaliar-se, fazer autocríticas e reconstruir suas propostas pedagógicas. Ficar reclamando que os alunos não aprendem é uma postura ingênua, pois os métodos existem para ser experimentados e para servirem de instrumento que viabilizem melhorias. Vasconcellos (2006, p. 86) consigna que “o professor precisa educar sem culpa”. Sabendo que seu compromisso não é somente com o aluno, prioritariamente sim, mas também com uma sociedade composta por vários outros segmentos, deve ser e sentir-se um agente transformador convicto da proposta educacional que respeita os saberes do aluno para, assim, ministrar conteúdo significativo e metodologias participativas e separar nota de disciplina, pois o aluno deve ser avaliado pelo que demonstrou saber e não porque é o quieto da sala (considerando o significado deturpado da palavra disciplina).

O professor precisa assumir sua autoridade em sala de aula, na escola, contribuindo para a transformação de sua classe a partir da responsabilidade

coletiva, quando todos devem saber seus papéis e os exercer; combater o desrespeito, mas não rotular os alunos, e sim, dar atenção a todos sem distinção, construir coletivamente as normas de convivência e não esquecer que acima de qualquer coisa tanto ele como os alunos são seres humanos e precisam de afeto, de reconhecimento e de ser valorizados.

O aluno, na concepção de Vasconcellos (2006, p.119), “tem de fazer uma aprendizagem fundamental da convivência democrática: não abrir mão de forma alguma de sua dignidade, de seu valor. Ao mesmo tempo, não passar por cima da dignidade do outro”. É o respeitar, é o possuir valores, é participar consciente e interativamente do processo educacional, conhecendo e reconhecendo seus direitos e deveres, é se organizar em grupos que possam lutar e defender seus direitos, é deixar de lado o individualismo e pensar no coletivo, visando ao bem comum.

3.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

A família é a unidade básica da sociedade formada por indivíduos com ancestrais em comum ou ligada por laços afetivos. O conceito de “família” tem se modificado ao longo dos anos, seja em relação às funções sistêmicas, seja nas funções de cada membro que a compõe. A família tem sofrido bruscas transformações por fatores diversos, como políticos, religiosos, sociais, econômicos, culturais com implicações na estrutura e composição familiar.

O modelo tradicional, há décadas, era o pai, a mãe e os filhos. O pai, provedor da casa; a mãe, a dona do lar; os filhos, obedientes e responsáveis. Esse modelo de estrutura familiar vem se transformando, haja vista que o pai nem sempre é o provedor, pois, em muitas famílias, a mulher ocupa tal posto. Os filhos cada vez mais independentes em atitudes (não necessariamente independência financeira) tentam muitas vezes resolver sozinhos seus problemas, em face de, em muitos casos, não sentirem a família como uma companheira.

Os avanços tecnológicos e a busca por melhores condições de vida acabam impulsionando os pais a trabalharem cada vez mais. Importa-se com o vestir, o calçar, o alimentar, o estudo, e se esquecem do carinho. Os filhos querem sim “ter” melhores condições para as suas vidas, mas também precisam receber o carinho e a atenção necessária de seus pais, ou seja, precisam aprender, no convívio com a família, como ser alguém, como valorizar o que se é e o que se tem.

Em todos os segmentos da sociedade, a instituição familiar é importante; na escola, não é diferente. Os filhos precisam entender a importância da educação

formal e saber que sua família acredita no valor que é ensinado. A Constituição Federal, em seu artigo 205, e a LDB, no artigo 2º, preceituam que a educação é dever da família e do Estado. Em diferentes momentos, a família é obrigada pelo Poder Público, seguindo preceitos legais do Estatuto da Criança e do Adolescente, a participar do processo de formação escolar: matricular o filho em idade escolar, zelar pela freqüência à escola e articular, com a escola, meios de zelar pela aprendizagem dos educandos.

É a família que deve dar o suporte essencial à criação e aceitação dessas regras, devendo observar a maturidade da criança para que absorva e execute o que aprendeu, pois, a partir do momento que tais regras e limites viram rotina, são incorporados. Cabe ressaltar que limites não cumpridos são inválidos. A criança se espelha nos modelos diários que tem com os pais, irmãos, amigos, professores e demais pessoas com quem convive freqüentemente, é o que se defende em:

Cabe principalmente aos pais adequar as manifestações das crianças que são consideradas indesejáveis. No entanto, essa adaptação deve ter o caráter educativo da busca do de um raciocínio ajustado à faixa etária e maturacional da criança e condizente com os objetivos e preceitos dos pais e da família (PAROLIN, 2003, p. 13).

Parolin (op.cit., p. 14-15) sugere que “para educar um filho é necessário um investimento de trabalho corporal, de tempo, de conversa, de valores, de dedicação, de dinheiro e de afeto”. “Ninguém nasce pai ou mãe. Aprende-se a ser pai e a ser mãe, com nossos exemplos sociais e com cada filho e em cada situação”. Com esse posicionamento, fica claro que a primeira educação ocorre no lar, com a família, a partir de uma responsabilidade partilhada em que envolve a criança nesse contexto social. Portanto, as regras são essenciais. A vida toda é como um jogo e necessita de regras. A família tal qual a escola deve primar pela construção de valores que vão nortear todo o processo de desenvolvimento do ser humano.

Também é necessário enfatizar a importância do papel da família no que diz respeito à colaboração no processo de aprendizagem dos seus filhos, onde se acredita que a parceria entre a família e a escola é um dos principais elementos para o sucesso da educação. É comum acreditar que cada um deve cumprir seu papel separadamente. No entanto, os pais e a instituição de ensino devem estar em constante sintonia, tendo como objetivo final o pleno desenvolvimento do cidadão. Entretanto, sabe-se que muitos pais têm dificuldade de acompanhar mais de perto os estudos de seus filhos devido à rotina de trabalho e compromissos do dia a dia,

ou simplesmente por não saberem como proceder.

Assim, pode-se dizer que a formação de crianças e jovens não ocorre somente na escola, pois todas as esferas da vida contribuem para o desenvolvimento e precisam ser integradas. Nesse passo, a família é a principal referência e precisa ter uma participação ativa nesse processo, ou seja, os pais devem observar de perto os educandos, identificar suas dificuldades e ajudar, bem como repassar tais informações aos educadores para que eles possam fazer uma intervenção adequada.

Na escola é mais difícil acompanhar de forma individual cada aluno, mas em casa os pais têm um contato mais próximo, o que torna fundamental o diálogo com a criança sobre a sua vida escolar. Além disso, quando as crianças e os adolescentes recebem apoio para estudar, sobretudo dos pais, sentem-se mais seguros e motivados, pois sabem que não estão sozinhos e que podem pedir ajuda quando tiverem dificuldades. Isso porque a aprendizagem está diretamente associada às emoções e as trocas de afeto com os pais configuram as primeiras relações de uma criança, ou seja, a maneira com que essas relações são cultivadas ensina a interagir, se comunicar e a desenvolver habilidades sociais, como a empatia, tão fundamentais para a vida escolar.

Nesse contexto, pode-se frisar que grande parte dos valores agregados pelo aluno começa na família e essa, na qualidade de agente de transformação, também pode contribuir para manter a disciplina na escola e para ajudar a manter a convivência familiar saudável, assumindo a seguinte responsabilidade: mantendo diálogo, interessando-se verdadeiramente pelo que o filho aprende e desenvolve a cada dia, inclusive, porque, com o uso da televisão e das redes sociais, essa convivência acabou sendo mitigada. Ajudar o filho a ver os meios de comunicação, criticamente, analisando aquilo a que se assiste; mostrar ao filho a importância de refletir sobre o sentido da vida social, política e cultural; não acobertar os erros dos filhos (isso é imprescindível); acreditar em que o filho pode sempre melhorar a formação do seu caráter; desenvolver em casa a distribuição de tarefas e responsabilidades; não se sentir culpado pelos conflitos familiares, pois eles sempre existem.

Outro aspecto importantíssimo da convivência familiar são os limites. O diálogo é o melhor caminho para se trabalhar as normas de convivência com a atenção redobrada ao cumprimento das regras, o que, com tal postura, ajudará a superar a frustração e dar-se-á exemplo de tolerância. A família deve valorizar a

escola, estimulando em seu filho o gosto pelo conhecimento, ajudar nas tarefas, enfatizando a importância de compreender o que estudar, isto é, participar da vida escolar do filho em todos os âmbitos.

A criança, tanto em casa como na escola, deve ser observada no sentido de identificar seus avanços, motivá-la, criando situações nas quais o aprendiz possa avançar na caminhada de seu desenvolvimento. A motivação e os estímulos são muito importantes para o ser humano. Para aprender, para avançar a criança precisa ser estimulada.

Quando a criança tem em casa as pessoas que lhe ensinam, que corrigem nas horas certas, que valorizam o seu potencial, a conquista da autonomia é facilitada, pois a criança recebe orientação e atenção em suas dificuldades. Ao ser orientado, a criança busca saber sempre mais, o que a faz avançar em seu desenvolvimento com as suas análises, opiniões e questionamentos. Isso leva a perceber que, a todo o momento, é necessária a parceria família e escola. Nessa relação, não há espaço para a transferência de responsabilidades. Cada uma tem sua função, sua responsabilidade na formação do caráter da criança e do jovem. Para PAROLIN (2006, p. 92), o que vale lembrar é que “[...] a família é a primeira e valiosa educadora da criança e que a escola se apresenta num caráter mais formal e científico nas aprendizagens”. Embora a escola possua caráter mais formal, não deve deixar de atender a criança em suas necessidades de afeto. A parceria família e escola devem existir no objetivo maior de desenvolvimento global do ser humano.

Assim sendo, o papel da família é articular-se com a escola e seus docentes, velando pela qualidade de ensino, acompanhando de perto a elaboração da proposta pedagógica escolar, onde se entende que a escola não pode viver sem a família nem a família sem a escola, pois, por mais que sejam instituições diferentes, devem ser complementares, portanto, espera-se que tenham o mesmo objetivo: educar um ser humano.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ser humano, desde o nascimento, sente necessidade de atenção, carinho e afeto para viver um processo contínuo de socialização e integração que contribuirá para o seu desenvolvimento físico, psíquico, social, intelectual e cognitivo.

Durante toda a vida o ser humano busca conhecer a si mesmo e ao outro, interagindo com o meio em que vive daí a importância do valor da afetividade nessa relação que formará integralmente o ser humano. Rockembach (2003, p. 38)

também comenta que “o ser humano é um ser de relações. Um ser que se relaciona consegue mesmo, com o outro e com Deus”.

Percebe-se que a escola não pode viver sem a família e vice e versa no processo educacional, visto que são instituições interdependentes e complementares. A escola, por sua vez, além de formar o intelecto do ser humano, também é uma instituição que deve complementar a educação social que é aquela que permite o equilíbrio necessário para vivenciar as situações que se apresentarem no caminho da construção da cidadania. Note-se O que propõe o autor abaixo:

Uma escola que ainda privilegia a arte de escrever no lugar da arte de falar porque, quem fala, não deixa documento, é uma escola atrasada, que criou no educador pouca confiança em sustentar com a palavra o que o aluno sabe (WERNECK, 2001, p. 26).

Fato revelador da necessidade de uma escola que se volte para a construção de valores e que seja marcada pela vontade de crescer não somente no intelecto, mas também para sentir as mudanças sociais, ouvir o próprio coração desenvolvendo a própria inteligência emocional.

Tratar alguém com afeto não significa “paparicar”, mas sim respeitar, relacionar-se bem, construir e reconstruir valores e para que o ser humano desenvolva-se plenamente em todas as áreas do desenvolvimento, sendo necessário conviver num ambiente de relações afetivas, estáveis com os pais, professores e as pessoas que o cercam.

Para obter o perfil da gestão escolar, diretores, coordenação pedagógica, professores (1º ao 5º ano), alunos do 3º ano e pais de alunos do 3º ano das Escolas Municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro, foi feita a análise dos resultados, evidenciando o relacionamento humano e a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na relação entre professor e aluno.

Com base de maior compreensão, analisa-se o autor, cuja obra-base para a abordagem central deste trabalho é “Educação: a solução está no afeto”, de 2001, da editora Gente quando afirma:

(...) O professor que se busca construir é aquele que consiga de verdade ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Que tenha entusiasmo, paixão; que vibre com as conquistas de cada um de seus alunos, não discrimine ninguém, não se mostre mais próximo de alguns, deixando os outros à deriva (CHALITA, 2001, p. 117).

Quando isso acontece, a relação educativa deixa de ser hierárquica e passa a ser de reciprocidade e ajuda mútua, visto que educar não é um jogo em que se

determina quem vence ou quem perde. Por isso, o educador não deve temer que o aluno o desrespeite ao transformá-lo em um parceiro, pois, cumplicidade é fator de segurança por parte do professor, consciente de que respeito não se impõe se conquista. Passa-se a partir de então à demonstração e análise das respostas dos pesquisados. Reproduzir-se-á somente a pergunta efetuada ao grupo pesquisado e o respectivo percentual. Respostas semelhantes para grupos diferentes serão analisadas em bloco. Assim, quando oportuno, far-se-á análise paralela entre as respostas dos dois diretores e as dos dois pedagogos e professores.

4.1 PERCEPÇÃO DOS DIRETORES, PEDAGOGOS, PROFESSORES E PAIS DAS DUAS ESCOLAS

Ao indagar aos sujeitos referenciados no subitem acima “O que você entende por relações humanas?”, as respostas revelaram que 100% dos diretores entendem que “relações humanas” significa “manter bons relacionamentos”.

Janine Monteiro (s.d.) as relações humanas decorrem do processo de interação. “Em situações de trabalho, compartilhadas por duas ou mais pessoas, há atividades a serem executadas, bem como interações e sentimentos recomendados: comunicação, cooperação, respeito, amizade”. (MONTEIRO, 2001, p. 29)

As respostas dos diretores são genéricas, mas não estão desassistidas pelo conceito referenciado.

Os pedagogos responderam que “relações humanas” são “manter contato”. As respostas dos pedagogos parece distanciar-se do conceito alocado por Monteiro (op. cit.) considerando que “manter contato” infere carecer de maior aprofundamento na relação. Os professores têm opiniões diversificadas conforme demonstração abaixo.

Os pais divergem um pouco, mas as respostas se encontram amparadas pelos pensamentos aqui expostos em relação à apreciação dos outros grupos.

Pretendeu saber “Como é o seu relacionamento com os que integram a escola?”.

A essa questão os diretores responderam que é “bom e respeitoso”. Segundo Chalita (2005, p. 127), valendo-se do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “respeito” tem algumas acepções, mormente destacada a seguinte: “sentimento que leva alguém a tratar outrem com grande atenção, profunda deferência; reverência”.

Já os pedagogos responderam que o relacionamento com os integrantes da escola “é de paciência e compreensão”.

Importante colaboração, nesse sentido, vem de Chalita (2001, p. 154). Ele

refere que “professor que não gosta de aluno deve mudar de profissão”. E complementa isso alertando, na mesma página, que “a educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar”.

O mesmo autor, na mesma obra (p. 156), afirma que “nenhum aluno é mau, assim como nenhum ser humano é mau, *a priori*”. E na página 161 consigna que “o aluno tratado com respeito, tendo valorizada sua história de vida, sente-se amado, querido na escola em que estuda”. Nesse mesmo rastro, o autor abaixo, corrobora Chalita (op. cit.):

Ter respeito para com os alunos é uma das necessidades de postura do educador consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. O professor não pode exigir que o aluno goste dele ou dos colegas, mas o respeito ele pode exigir (VASCONCELOS, 2006, p. 93).

O diálogo, para Vasconcelos (op. cit., p. 111), “é fundamental para a superação dos problemas de disciplina. Mas devemos ressaltar que estamos falando de diálogo no verdadeiro sentido”. Diálogo, respeito são atitudes valorativas da dignidade da pessoa, as quais devem ser nutridas por todos, em especial pelo professor, quem tem uma gama de possibilidades para influenciar os alunos, principalmente por meio do exemplo. Assim, se o professor utilizar-se reiteradamente desses valores estará oferecendo a oportunidade de receber o mesmo tratamento dos pais, pares na escola, alunos e da comunidade.

4.2 PERCEPÇÃO DOS DIRETORES DAS DUAS ESCOLAS

As opiniões dos diretores de como eles acham que professores e pedagogo reagem em face de pessoas difíceis quanto aos relacionamentos, dividiu os mesmos. Um refere que o acompanhamento das ações pedagógicas decorre de reuniões e com a assistência do serviço pedagógico e para o outro diretor (que respondeu vagamente), tal acompanhamento decorre de atitudes direcionadas, mas não diz quais. O diretor, como gestor maior da instituição deveria possuir mais embasamento teórico para responder tal questionamento e possivelmente ações mais enérgicas afim de amenizar tais problemas.

O questionamento a seguir proposto aos diretores indagava qual a importância de possuir bom relacionamento com a comunidade extraescolar e para o desenvolvimento da própria escola.

Na análise de um dos diretores, a importância de possuir um bom relacionamento com a comunidade extraescolar é que se consegue estabelecer

parcerias Não explicitou qual o tipo ou modo de parceria.

A diretora da Escola Municipal Pastor Jaci Torquato respondeu que a importância de manter bom relacionamento com a comunidade extraescolar é porque facilita a liderança na comunidade em geral e isso é positivo para o desenvolvimento da própria escola. Com essa atitude, quanto mais a escola se aproximar da comunidade, tanto mais poderá se tornar atraente para essa comunidade, com um trabalho bem direcionado para essa finalidade.

Muito embora não tenha sido revelado o alcance dos dois aspectos mencionados, alude Habermas (1990), em sua Teoria do Discurso ou Teoria Comunicativa (como também é conhecida), que novos relacionamentos brotam da relação entre sujeito e objeto, pois “o novo consiste em superar a relação do sujeito com o objeto para conhecê-lo, dominá-lo e agir sobre ele, para construir uma relação” (MARQUES 1990, p. 48-49, apud ROCKEMBACH, 2003, p. 149).

A Constituição Federal de 1988, institui o princípio democrático como cerne do Estado Democrático de Direito e, nesse contexto, a gestão participativa enseja a necessidade do envolvimento da sociedade no destino do país. De outra sorte, o diretor não é mais só aquela pessoa designada, dadas as questões político-partidárias, a assumir tal posto. A função do diretor requer muito mais atuação como gestor, cooperador na implementação das políticas públicas educacionais. Nesse patamar, a construção da cidadania e da democracia invoca maior participação da comunidade. Essa diversidade brota da sociedade e não pode ser ignorada.

O autor abaixo enfatiza essa função do diretor na seguinte assertiva:

Os tempos são outros e não nos cabe discutir se melhores ou piores e os e os filhos ou os alunos não têm a mesma disposição para a obediência e o respeito. O medo não leva mais à mudança de comportamento. O que leva à mudança de comportamento é o diálogo, a conquista, a formação da autonomia. (...) O medo do diretor é um mito ultrapassado (CHALITA op. cit., p. 181-182).

A pergunta seguinte lançada aos diretores, indagou acerca da relação professor e aluno e a aprendizagem.

Um dos diretores respondeu que acha que a relação professor e aluno na escola que dirige é “boa”. Conceitos “em branco” não querem dizer muita coisa. Para este trabalho entendam-se conceitos “em branco” aqueles sem definição. Assim, é de se indagar o que significa uma relação professor e aluno do tipo “boa”? Se de um lado uma diretora respondeu que a relação professor e aluno é “boa”.

A outra diretora respondeu que “é preciso mais entrosamento”, tratando-se de

uma comunidade relativamente pequena, estranham-se respostas tão antagônicas. Mas adversidades e diferenças fazem parte da sociedade atual. Nessa perspectiva, pertinente aos aspectos antagônicos, reporta-se o autor abaixo:

A grande tarefa pedagógica nesta atualidade consiste em lançar outro olhar sobre si mesmo e sobre a prática pedagógica numa forma dinâmica, flexível, includente, com a aceitação dos opostos como complementares de modo a perceber a unidade do ser humano, da ciência, do universo. A ordem rigorosa, a verdade estabelecida, o certo do saber já não encontram mais a ressonância capaz de dar-lhes sustentação e em seu lugar, como também ao seu lado, concomitantemente ressoa a pedagogia que assume a diversidade, a complexidade, a incerteza, a possibilidade, o aproximado, num permanente processo de construção e reconstrução, na dinâmica de relacionamentos intersubjetivos. Interações que se fazem presentes nas relações das disciplinas curriculares e das ações gerais da dinâmica educacional, integradas às relações coletivas da sociedade, solidárias e interdependentes, na perspectiva unitária complexa (ROCHEMBACH, op. cit., p. 162-163).

Passa-se a abordar respostas apenas dos pedagogos.

4.3 PERCEPÇÃO DOS PEDAGOGOS

Alude-se que somente dois pedagogos foram investigados.

Desse modo, como as respostas às duas primeiras perguntas lançadas aos pedagogos estão inseridas na apreciação conjunta com as respostas dadas pelos diretores, passa-se à apreciação da resposta ao questionamento seguinte. Tal questão indagou “Há quanto tempo você trabalha nesta escola? Como você analisa a afetividade na relação professor e aluno?”. Os pedagogos responderam similarmente que a afetividade se dá nas relações entre “amor / ódio, paz / guerra, altos e baixos”. Tais profissionais não disseram como medem essa relação para dar tais respostas e também não responderam há quanto tempo trabalham nas escolas. Mesmo em face da existência de diferenças e desigualdades, a afetividade na relação professor e aluno é fundamental. O autor abaixo arremata:

A nova ordem, ou melhor, a nova necessidade compreensiva, é vê-los (os blocos de verdade justapostas) como integrantes de uma rede de relações, formando um grande sistema complexo; que, na verdade, em última instância não existe parte alguma, mas apenas uma enorme e indissociável teia de interconexões (STRIEDER, 2000, p. 209, apud ROCHEMBACH, op. cit., p. 163).

A questão: “Como é o seu relacionamento com os variados tipos de alunos da escola?” Os pedagogos responderam que “é muito diversificada e tem que aprender

a conviver com os tipos de alunos”.

Mas o educador não deve se isolar. Nessa direção vem o conhecimento explicitado por CHALITA (2001, p. 61): “A distância cria isolamento. O isolamento e as dificuldades”. (...) Dificuldade que o governo, com todos os instrumentos de que dispõe não conseguiu solucionar (...). Na mesma esteira é o pensamento seguinte: “Não existe um ser isolado, mas parte de um todo, seja de um organismo vivo, a exemplo de qualquer órgão ou célula do organismo, molécula ou átomo de qualquer ser. Os seres deixam de ser objetos isolados para serem vistos como integrados” (ROCHEMBACH, 2003, p. 154-155).

A pergunta lançada aos pedagogos foi: “Você, como técnico, trabalha as relações humanas com os docentes e discentes que lhes são confiados?”.

A resposta foi dada no sentido de que trabalha as relações humanas com os docentes e discentes que são confiados tentando mudar o outro mundo a partir de si próprio, aponta para um caminho desvinculado dessa proposta de reconhecer e acatar diferenças. Não ficou muito claro se levam em consideração tais diferenças e como, ante a existência delas, reage. Complementando essa hipótese aloca-se a asserção de HABERMAS (1990, p. 25-26) apud Rockembach (op. cit. p. 156), a qual faz referência que o ser humano “precisa travar relações com a autocompreensão” Isso implica desbancar o privilégio ao etnocentrismo, ou seja, da capacidade de rejeitar a verdade alheia e convencer de que a sua é a melhor verdade e, por isso, deve ser aceita e adotada de modo geral.

A pergunta seguinte formulada aos pedagogos foi: “Que atitudes são tomadas acerca dos problemas de agressividade que existem ou possam existir na escola? E onde entra o afeto na relação educacional?”.

Em relação a atitudes tomadas nos problemas de agressividade que existam ou que possam existir na escola, os pedagogos responderam que “a atitude mais humana é a da compreensão no sentido de construir uma avaliação dos envolvidos na questão da agressividade”.

Parece que compreender somente não tem muita importância. Compreender denota um envolvimento parcial com a questão. Compreender somente importa não estar comprometido o suficiente para interferir nessas realidades.

A falência do Estado em face do crescimento da violência aponta para uma demência estatal em relação às políticas públicas contra a violência urbana ou rural. A violência não é um mal em si mesma. É tão-somente uma consequência dos

múltiplos fatores que a constroem: da falta de acesso aos direitos sociais: educação, saúde, trabalho à prática de violência doméstica. Isso certamente tem reflexo na sala de aula. E, não há professor herói que adote medidas extraordinárias contra um mal disseminado. Por isso, é muito fácil constatar que é mais polido que os pedagogos respondam no sentido da compreensão.

Ocorre que a compreensão de que fala Chalita (na extensão de sua obra) é parte integrante do processo educativo. É parte da construção de saberes. A agressividade tem de ser tema tratada conjuntamente: todos os órgãos têm de estar envolvidos para que um resultado positivo seja vislumbrado. Chalita (na extensão de sua obra) ao falar de compreensão refere-se a um comportamento mais profundo. Isso significa que compreender é aprofundar a questão ao máximo de alcance possível. Trata-se de entender as causas da agressividade e adotar medidas dentro do arcabouço estatal. Compreender pelo compreender e não compreender dá no mesmo.

Muitas vezes, preocupados com a imagem institucional, muitos profissionais da educação não estendem as ocorrências de violência no âmbito da escola a outros órgãos estatais. Tais pessoas ao se comportarem como heróis e pensando que estão preservando a imagem institucional, qual a garantia que têm acerca de que estão colaborando para a manutenção ou aumento da violência no âmbito escolar? Pode ser que estejam “segurando uma granada sem o pino”. Então, por que não envolver outras instituições como Conselho Tutelar; Ministério Público e Juizado da Infância? Por que não dividir responsabilidades?

4.4 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DAS DUAS ESCOLAS

A questão inicial “No seu entender o que são relações humanas? Como você trabalha a afetividade em sala de aula?” está apreciada no mesmo bloco dos diretores e pedagogos. A segunda indagação lançada aos professores foi: “Como é o seu relacionamento com os alunos e demais professores da escola?”.

TIBA (2002, p. 234-235) fala da “geração zap”. Ele quer se referir ao reflexo do consumismo sobre a descartabilidade de objetos e pessoas. A necessidade do “novo” conduz ao desprezo pelo velho. Tudo é rápido; tudo fica imprestável muito rápido. Isso tem reflexo direto nas relações. Na realidade brasileira atual ninguém mais namora; “fica-se”. Tiba (op. cit.) escreve sobre a dificuldade que as crianças têm de enfrentar vicissitudes. Ele atribui isso a partir da observação de crianças diante de jogo. Se o jogo se torna difícil no *videogame*; no microcomputador, as crianças não o enfrentam; simplesmente mudam para um jogo mais fácil. Assim, as

relações se fragilizam dentro e fora da escola.

O mesmo autor, na mesma obra e página, alude que as crianças, e em consequência os jovens, não estão preparados para suportar frustrações e explica que isso gera violência. Pela deficiência de lidar com frustrações agredem; descartam; pegam outro brinquedo; outro amigo; outra namorada; outro modelo de celular; outro carro. Assim, lidar com a “geração zap”, é uma tarefa para titãs. E não parece que professores têm treinamento para ser titãs. Então se se pesquisar com maior profundidade, professores, diretores, pedagogos, pais e os jovens e crianças “zap” será que não serão reveladas angústias e sofrimentos? Isso porque atos de violência afetam a todos. Os professores fazem muito, dentro de suas limitações, mas não deixam de ser reféns da sociedade “zap”.

Mas manter a normalidade é preciso e os professores precisam enfrentar essas incertezas. Nesse sentido, abaixo segue importante colaboração, a qual aponta que:

(...) uma educação plural possibilita que os desiguais – mesmo porque não há iguais, a homogeneização do ensino é uma afronta à diversidade dos cidadãos – convivam em um mesmo ambiente e aprendam o exercício do companheirismo, desenvolvendo a capacidade de colaboração e ajuda mútua para a superação de obstáculos (CHALITA, op. cit., p. 109).

A respeito de como se tem trabalhado as relações humanas em sala de aula, as respostas não foram claras para revelar quais as atividades de socialização e quais as dinâmicas. A resposta mais transparente foi a que aponta que as relações humanas são trabalhadas por meio de “conversa”. E esse fazer deve ter um caráter de reflexão; de continuidade. Assim, o professor age segundo uma ação proativa, possibilitando refletir e levar os educandos a refletir também. Isso é bom senso e coerência de que fala FREIRE (1996).

Quanto ao que os professores fazem quando se deparam com problemas de agressividade, para solucionar os problemas de agressividade, observou-se que 87% resolvem através do diálogo. Essa prática é corroborada pelo autor abaixo mencionado:

(...) quanto aos relacionamentos professor/aluno, as mudanças havidas e que hoje são vivenciadas nas escolas são significativas e positivas. Está havendo uma superação das relações de poder para uma relação dialógica. Esta mesma faz com que o professor participe mais, contribua com idéias na construção da proposta pedagógica, dos planos de estudos, reuniões de estudos, eventos e atividades realizadas pela escola. Este é o fazer coletivo, participativo (ROCHEMBACH, op. cit., p. 217-218).

Também foi indagado: “Como é a relação com seus alunos: constrói laços de amizade, de afetividade ou é estritamente profissional?”.

Considerando que 87% dos professores respondeu que a relação com os alunos é no sentido de construir laços de amizade/afetividade o autor seguinte assim se manifesta:

O professor deve dirigir-se a todos na sala de aula, procurando não demonstrar preferências. Muitos professores costumam se deixar levar por solicitações que não são significativas para toda a classe, mas apenas a um pequeno grupo e até a um só aluno. Não há que se perder o trabalho coletivo e a partir dele dar respostas às diferentes solicitações (às vezes até fora da sala de aula), evitando sempre que uma só se imponha às outras, mesmo que partindo dos mais brilhantes alunos (VASCONCELOS, op. cit., p. 104).

Pretendeu-se ainda saber se os professores acham importante ter contato com os alunos além da sala de aula? Por quê?”.

A apreciação dessas respostas está prejudicada, de certa forma, uma vez que os “porquês” não estão revelados. Mas ficou evidenciado que em relação à importância do contato com os alunos além da sala de aula, 87% dos professores reputam que é importante conhecer melhor o aluno. Esse ponto converge com o pensamento do autor abaixo referenciado:

(...) os métodos da educação dialógica nos trazem à intimidade da sociedade, é razão de ser de cada objeto de estudo. Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as raízes pelas quais ele é como é, contexto político e histórico em que se insere. Isto é para mim um ato de reconhecimento e não uma mera transferência de conhecimento ou mera técnica para aprender o alfabeto (FREIRE et al., 1997, apud SANTOS et al. (2002).

Abaixo serão apreciadas as respostas dadas pelos alunos das duas escolas pesquisadas.

4.5 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS

Aos alunos foi questionado “Qual o seu entendimento sobre afetividade?”

36% responderam que é respeito a todos; 55% entendem que é carinho de modo geral e 9% não souberam responder.

Examinando a obra de Chalita (2001) não foi possível identificar uma conceituação de “afetividade”. Tal possibilidade ocorreu com Ribeiro et al. (2005). O conceito é examinado pelos autores mencionados sob a perspectiva pedagógica, guardando, portanto, pertinência com este trabalho. Essa perspectiva é limitada à

relação educativa estabelecida entre professor e aluno e na sala de aula. Nesse contexto referem os últimos autores mencionados que a “pluralidade de vocábulos para definir o domínio afetivo, a saber: atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento social, motivação, interesse e atribuição, ternura, inter-relação, empatia, sentimentos e emoções” (RIBEIRO et al., 2005, p. 32).

Nesse mesmo sentido o autor abaixo reputa que:

(...) a afetividade seja um estado de afinidade profunda entre os seres humanos, o que significa a existência de um fio, de uma conexão, de uma relação consigo mesmo, observa-se seus limites ao mesmo tempo em que aprende a respeitar os limites do outro (TORO, 2002, apud RIBEIRO et al., 2005, p. 37).

Outra pergunta formulada aos alunos foi: “Você gosta de seus colegas da sala de aula? Por quê?”.

Sobre essa pergunta, 9% responderam que é cooperação e 91% que é amizade.

Ao observar as respostas, conclui-se que 91% dos alunos gostam dos colegas da sala de aula. Essa revelação é muito significativa. Sinaliza positivamente que esses valores precisam ser cultivados na família, na escola, entre os alunos, entre professores e alunos. Nesse aspecto, o professor tem papel significativo e o autor abaixo reforça essa hipótese com a seguinte menção:

Não podemos esperar que as novas gerações modifiquem o que está errado se não despertarmos para o fato de que cabe a nós, desde já, dar o exemplo. Para isso, nossos pensamentos e ações devem ser um misto de altruísmo, capacidade de doação e amor ao próximo CHALITA (2005, p. 11).

Outra indagação aos alunos foi: “E de seu professor (a), vocês se dão bem na sala de aula?”.

37% das crianças responderam que pelo respeito e amizade; 26% por obrigação e 37% pela sensibilidade.

Quanto à relação com o professor da sala de aula, observou-se que há um equilíbrio entre o respeito e a amizade e sensibilidade e atenção por parte do professor. Esse é o resultado de uma relação dialógica, baseada no respeito e na compreensão, tolerância do professor com os alunos, mas também dos alunos com o professor.

Verificou-se que a maior parte dos alunos, somando-se os valores, respeito,

amizade e sensibilidade, representa 74% dos pesquisados.

A amizade segundo Aristóteles é uma virtude². O autor abaixo, por seu turno, recomenda que nutrindo a amizade há segurança nas relações:

(...) possamos comprovar que a amizade é a certeza do porto seguro, do ombro amigo, do abraço forte e do sorriso franco que ameniza dores, derrotas, tristezas, angústias, temores e inseguranças que fragilizam o indivíduo, ao mesmo tempo que oferecem a ele as condições adversas necessárias ao crescimento e ao amadurecimento. Durante esses dois processos dolorosos e contínuos, a presença de um amigo representa um bálsamo com o qual é possível cicatrizar todas as feridas e recuperar as forças para seguir adiante (CHALITA, 2005, p. 29).

É muito difícil imaginar que alguém pode viver sem amigos, pois os amigos são para partilhar a vida, para serem cúmplices de bons e maus momentos, para completar a felicidade. O autor abaixo alerta sobre isso:

Quem não tem amigos abre espaço para uma existência vazia que, freqüentemente, pode levar a estados psicológicos negativos, como a depressão, a angústia, a ansiedade e a tristeza originadas da solidão extremada. Estados que são conseqüência de almas que se vêem relegadas ao desespero de uma vida pautada por valores contribuídos sobre alicerces impróprios para sustentar as edificações da felicidade (CHALITA, 2005, p. 36).

Aos alunos também foram questionados acerca do conhecimento da vida de seu professor (a).

“Voce conhece um pouco sobre a vida de seu professor(a)?

90% responderam que sim e 10% que não.

Das respostas dos alunos 90% responderam que conhecem um pouco da vida de seu professor. Esse dado revela que os professores conseguem demonstrar seus sentimentos aos alunos e também demonstram ser de certa forma transparente. Tratando-se de uma resposta maciça é possível considerar que o relacionamento dos professores com os alunos é dialógico e, certamente, em face de a comunidade ser relativamente pequena, os alunos acabam sabendo onde os professores moram, se têm filhos, se são casados, os lugares que freqüentam e assim, até de forma inevitável, conhecem até bastante da vida dos professores, o que pode gerar a aprendizagem do respeito – aos colegas, professor, funcionários, normas estabelecidos coletivamente, material escolar, etc. – “É uma das tarefas fundamentais que se coloca hoje aos educandos. Estudos da psicologia do desenvolvimento revelam que o respeito ao outro passa pela construção do respeito

² Ver CHALITA (2005, p. 28).

para consigo mesmo”. VASCONCELLOS (2006, p.120)

Os relacionamentos entre professor e aluno hoje está melhorando cada vez mais, pois hoje os alunos vêem o professor como amigo, como alguém que é capaz de ter autoridade, de ser respeitado, mas que também, por conviver diariamente com os alunos criam laços afetivos. O autor abaixo contribui de forma exemplar:

Não há como separar o ser humano profissional do ser humano pessoal. Certamente o professor como, como qualquer pessoa, terá seus problemas pessoais, chegará á escola mais sisudo que o habitual e terá mais dificuldade em desempenhar seu trabalho em sala de aula. Os alunos notarão a diferença... (CHALITA, 2001, P. 165)

Quanto á questão acima, professores e alunos convivem pelo menos 200 dias juntos, passam no mínimo 800 horas, portanto torna-se necessário que ambos conheçam um pouco da vida um do outro e assim criam-se laços de amizade entre essas pessoas.

Outra pergunta direcionada para os alunos foi: “Como é o seu relacionamento com sua família?”.

91% explicitaram que é bom e 9% classificaram como ruim.

Observando esse dado, notou-se que 91% dos alunos têm bom no relacionamento familiar. Nesse aspecto, sabe-se que a família é a base da sociedade. É esteio fundamental para ajudar o indivíduo a se formar. Chalita (2001, p, 26) revela que “a família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. Quanto à: “Você gostaria que mudasse alguma coisa na sua relação com seus colegas e com seu professor (a) na sala de aula?”.

27% responderam que sim “Que a gente se gostasse mais” e 73% que não.

As respostas manifestadas revelaram que 73% dos alunos não desejam mudanças na relação entre os colegas e entre eles e os professores. 27% manifestam que os colegas e professores se gostassem mais. Essas percepções decorrem da diversidade de pessoas e realidades coexistentes. A necessidade de mudanças é parte da natureza humana. Mas, pelo visto, o dado mais significativo aponta o nível do “gostar” pode ser melhorado.

Assim, essas respostas são um sinal que algo pode ficar melhor. O professor demonstrando ser mais amigo dos alunos é possível obter melhores resultados nos relacionamentos. Chalita (2001, p. 151) entende que “o professor só conseguirá atingir seus objetivos se for amigo dos alunos”.

4.6 PERCEPÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS

A percepção dos pais em relação á - “O que você entende por relações humanas? - as respostas estão incorporadas à apreciação em conjunto com outros grupos (diretores, pedagogos e professores).

No mesmo rol de percepção: “Como é a sua relação com a escola de seu filho? E com o professor (a)?”. A apreciação dos resultados encontram-se abaixo.

46% responderam que é boa; 9% que é amigável; 27% que é ótima e 18% da melhor maneira possível.

As respostas dadas conduzem a uma interpretação de que os pais têm uma relação pacífica com a escola de seus filhos e com seus respectivos professores. Aqui se é obrigado a excluir as exceções. Mas cogitam-se porque se sabe que sempre existem problemas entre pais e a escola. Mas, de modo genérico, os pais se relacionam bem com as escolas pesquisadas.

Essas respostas convergem ao ideário de que fala o autor abaixo:

Se a parceria entre família e escola se formar desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. Quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não quer ir jogar a escola contra os pais e vice-versa (TIBA, op. cit., p. 183).

Concomitante com a pergunta acima: “Como é a relação familiar: pais x filhos? E como é a criação dada aos filhos?”.

46% responderam que preparam para o mundo; 18% diálogo e 36% respeito e amor.

As respostas apontam para uma família dialógica na relação com os filhos e também baseada no respeito e no amor, além de a maior parte (quase metade dos pais) apontarem que preparam os filhos para o mundo. Esse tipo de resposta aponta para uma família amorosa com seus filhos.

Outra pergunta lançada aos pais foi: “Quais os principais problemas enfrentados nas relações de família?”

55% responderam que financeiro; 9% pensamentos diferentes; 9% indisciplina, 9% más influências; 9% correria diária e 9% da melhor maneira possível.

De imediato 9% (os que responderam “da melhor maneira possível”) não pode ser aproveitado para esta pesquisa porque a pergunta foi formulada com o intuito de se saber qual o problema que afeta as relações familiares. Logo, tal resposta não atende à pergunta. No que se refere aos principais problemas

enfrentados na relação familiar, constatou-se que mais da metade enfrenta problemas financeiros. As demais respostas variaram, havendo registros de falta de tempo, indisciplina, más influências.

A pergunta seguinte formulada aos pais: “Que medidas podem ser tomadas para solucionar ou amenizar esses problemas?”.

37% responderam que através de conversas; 9% não souberam responder; 9% regras; 9% economizando; 18% mais postos de trabalho; 9% evitando contato com más influências e 9% disponibilidade de tempo.

Quanto às medidas que podem ser tomadas para solucionar ou amenizar os problemas familiares em primeiro lugar está o diálogo. Mas há quem aponte que a solução para os problemas familiares está na criação de postos de trabalho, o que revela, de forma indireta, a questão do desemprego como geradora de problemas no seio da família. Alguns precisam de mais tempo para a família e outros entendem que podem existir problemas na família, decorrente de má influência e falta de economia.

Essas respostas apontam para problemas existentes na sociedade brasileira. Não há quem esteja sem dinheiro ou sem trabalho que mantenha a um bom nível de autoestima. A pessoa com a autoestima baixa, fica com a dignidade afetada, pois a pessoa se sente inferiorizada e incapaz de se prover e prover a família.

Em relação ao tempo com a família o autor abaixo tem abordagem pertinente.

O tempo de convivência familiar diminuiu bastante, mas comer continua sendo necessário. É importante que os pais dêem mais importância à companhia dos filhos e ao papo que rola solto que à refeição propriamente dita. A boa convivência familiar é o melhor alimento da auto-estima, que leva à saúde social (TIBA, op. cit., p. 198).

Outro questionamento lançado aos pais foi: “Qual ou quais as vantagens de se criar/educar um filho?”.

73% responderam quando se tornam cidadãos do bem; críticos, 9% pelo retorno de carinho, afeto e amor; 9% não souberam responder e 9% respeito mútuo.

No que se refere às respostas dos pais acerca das vantagens de se criar, educar um filho, o ponto que mais chamou à atenção foi a consciência da maior parte da comunidade (73%) acreditam que é vantajoso quando o filho se torna crítico e de bem. Outro ponto curioso revelado pela pesquisa é que existem pais que não souberam responder quais as vantagens de criar/educar um filho. Mas, de modo geral, os pais valorizam o fato de terem filhos.

5. PROPOSTAS DIDÁTICAS COMPLEMENTARES

I. Plano de aula: 04 de abril

II. Dados das instituições:

Escolas Municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro.

Professor: Miguel de França.

Disciplinas: História e Ensino Religioso

Ano: 2022

Turmas: 3º ano do ensino fundamental

Período: manhã

III. TEMA: Empatia, afetividade e aprendizagem

IV. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

Reconhecer a empatia como uma atitude benéfica e importante para ações éticas, cooperativas e de respeito;

Desenvolver estratégias que possam combater atos discriminatórios e de intolerância às diferenças.

V. HABILIDADES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:

(EF01CI04) Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças.

VI. MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA A AULA:

Projeter de slides, fichas com imagens disponíveis em materiais complementares.

VII. TEMPO SUGERIDO: 10 minutos

VIII. ORIENTAÇÕES:

Apresentar aos alunos o título da aula “Empatia, Afetividade e Aprendizagem” e questionar se alguém na turma sabe o que os termos significam. O objetivo nesse momento é de levantar os conhecimentos prévios a respeito do tema e instigar a curiosidade. Será feito registros do que foi dito no quadro e, em seguida, será estabelecido junto aos alunos relações dos registros com as imagens do slide.

IX. CONTEXTO:



O QUE VOCÊ FARIA?

X. TEMPO SUGERIDO: 20 minutos

XI. ORIENTAÇÕES:

Iniciaremos retomando a aula anterior sobre as diferentes formas de nos expressarmos diante das situações cotidianas, pedir-se-á que reflitam e identifiquem a relação entre o tema discutido e o curta metragem “A Ponte”, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=CMC81uGoOcQ>. Acesso em: 01.abr.2022.

Após assistirem, iremos contextualizar a aula ouvindo as relações feitas por alguns alunos e também questionar o que fariam nessa situação, a fim de que se coloquem no lugar dos personagens e pratiquem uma experiência empática. Em seguida, iremos prosseguir com a questão disparadora.

XII. QUESTÃO DISPARADORA:

**COMO EU
CONVIVO EM
GRUPO?**

XIII. TEMPO SUGERIDO: 5 minutos

XIV. ORIENTAÇÕES:

A pergunta norteadora promove uma auto reflexão, talvez de resposta quase imediata para crianças dessa faixa etária. Pediremos, porém, que os alunos pensem ao longo da aula e respondam apenas no fim da aula, após a atividade principal (mão na massa).

XV. MÃO NA MASSA:

O QUE VOCÊ FARIA?



© iStock.com/imagens.com/imagens

XVI. TEMPO SUGERIDO: 40 minutos

XVII. ORIENTAÇÕES:

Separar a turma em duplas ou trios e distribuir pequenas fichas com imagens de situações cotidianas de conflitos. O objetivo nesse momento é que identifiquem o que está acontecendo e se coloquem no lugar dos integrantes daquela ação.

Por exemplo, na primeira imagem do slide há uma situação de *bullying*, em que dois meninos estão rindo e ridicularizando um terceiro colega. Nesse caso os alunos poderão criar hipóteses sobre o que observam baseado no dia a dia que vivenciam e, o mais importante, argumentar como poderiam lidar com esse conflito, qual seria a melhor forma e o que sugerem à cada um desses garotos da cena.

Na segunda situação do slide, duas crianças brigam por um brinquedo, mostrando nitidamente que ninguém deseja ceder, da mesma forma os alunos deverão se colocar no lugar dos “personagens” e propor uma saída para essa disputa.

Enquanto nas ilustrações 3 e 4 podemos perceber crianças desrespeitando pessoas mais velhas e animais, nesses casos os alunos deverão se imaginar enquanto os agentes que promovem a ação, causando maus tratos e também no lugar dos que são desrespeitados, dizendo como se sentem, o que fariam diferente e se presenciassem isso verdadeiramente, como é que se portariam diante do fato.

As duplas ou trios deverão receber uma ficha, com apenas uma imagem de conflito e após 20 minutos deverão se reunir em roda para trocar com toda a turma quais foram as situações analisadas e em quais soluções chegaram, promovendo uma troca rica, com diferentes perspectivas entre os grupos que observaram a mesma cena.

XVIII. SISTEMATIZAÇÃO:



VAMOS DESENHAR

O QUE A AULA DE HOJE ME ENSINOU?

XIX. TEMPO SUGERIDO: 30 minutos

XX. ORIENTAÇÕES:

Posteriormente a turma deverá se reunir para assistir a outro curta-metragem chamado “A história das colheres de cabo grande”, por meio do link: https://www.youtube.com/watch?v=Qtg9P4dry_0. Acesso em: 01.abr.2022. Este complementar a discussão que eles acabaram de participar. Iremos retomar a pergunta disparadora “como eu convivo em grupo?” e reflita que a empatia (ação de se colocar no lugar do outro compreendendo suas necessidades) leva a um melhor e mais saudável convívio em grupo.

Em seguida, finalizaremos solicitando um desenho ou outra forma de expressão artística das duplas/trios sobre essa sistematização orientando-os pontualmente a fim de assegurar que todos os alunos consigam trazer manifestações sobre suas atitudes e se estas correspondem à comportamentos éticos, saudáveis, com cidadania e passíveis de serem replicados na

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados da pesquisa, afirma-se que todos os objetivos propostos foram alcançados plenamente: 1) observar como a afetividade está subjacente à prática do educador; 2) identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores para estabelecer uma relação afetiva no cotidiano da sala de aula; 3) caracterizar as interações vivenciadas na escola e na sala de aula.

O problema foi respondido positivamente neste trabalho, considerando que as dificuldades de aprendizagem das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental anos iniciais das escolas municipais Pastor Jaci Torquato e João Freire Cordeiro advêm de valores éticos, morais e/ou sociais, fato que levou à confirmação de a hipótese mediante a realidade encontrada em Ferreira Gomes nos dias atuais. Os resultados são visivelmente notados pelo respeito, atenção, carinho e dedicação com que as crianças demonstram ao professor.

A pesquisa revelou que escola é um ambiente onde a afetividade pode ser praticada e experimentada por todos, ou seja, a afetividade é um ingrediente de que o professor pode se servir para desenvolver competências, criando situações de aprendizagem a partir dos desafios propostos aos alunos, utilizando tanto as relações afetivas quanto as relações cognitivas na convivência diária.

Chalita (2001) traz a mensagem de que a solução para a educação está no afeto. E, nesse sentido, muito se tem falado a respeito da afetividade, do resgate de valores de modo geral, mas, ao mesmo tempo em que se fala pouco se tem visto em sala de aula. Sabe-se que a interação entre professor e aluno na escola envolve tanto os fatores afetivos quanto os cognitivos, exercem influência decisiva para o desenvolver global ou não, pois é no espaço da sala de aula que acontecem os grandes encontros, a troca de experiência, a interação com os alunos, as discussões, o companheirismo e também onde se identifica em que estágios de desenvolvimento o aluno está.

É importante que o espaço de sala de aula seja repleto de cooperatividade e estímulos, desafios o que vão favorecer a parte cognitiva da criança e logo a autoestima da mesma. A criança por natureza sente a necessidade de ser assistida por outro adulto quer da família principalmente quer dos que a rodeiam em outros ambientes. É essencial permitir que a criança interaja com os adultos a fim de que

haja relação de afeto, compreensão e emoção e assim construir as funções que garantirão seu pleno desenvolvimento, pois, quando a criança se sente segura, amparada, aprende com maior facilidade.

Isso permite que as relações se intensifiquem e, considerando que a comunidade é relativamente pequena, facilmente todos se conhecem e é possível viabilizar maior participação da comunidade na gestão escolar e com isso firmar o crescimento do princípio democrático e fortalecer a comunicação de que falou Habermas e mesmo a afetividade de que tratou Chalita.

Ficou evidenciada em toda a pesquisa que a sociedade pesquisada tem relação dialógica no cotidiano e na resolução de problemas no âmbito da família, na escola, entre professor e aluno. Esse comportamento representa um avanço e sinaliza grandes possibilidades de se exercitar a afetividade e chegar a soluções de aprendizagem para a vida.

Diante do exposto, acredita-se que todas as relações quer sejam familiares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela afetividade, e esta pode ser validada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural, onde a afetividade está sempre presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o outro, por toda a vida, desde seu nascimento.

Assim sendo, nota-se claramente que a afetividade é fundamental para a vida humana e que representa um dos aspectos mais significativos na construção de pessoas mais saudáveis, mais capazes de tomar decisões sábias e inteligentes, principalmente a importância que tem a afetividade na vida da criança e como essa relação vai influenciar não só na sua formação, mas em toda sua vida adulta e sua relação com o mundo.

Nesse passo, pode-se dizer que os aspectos afetivos e cognitivos formam um par inseparável, no interior da vida escolar, principalmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que os alunos precisam vivenciar momentos que potencialmente geram crescimento, que vão ter implicações afetivamente marcantes em seu desempenho pedagógico. Numa época de crises, pandemia, guerras, tragédias e separações como a nossa, é necessário começarmos a pôr em prática nas escolas, ideias mais humanistas, que valorizem desde cedo a importância das emoções.

Portanto, por meio da pesquisa realizada pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as opiniões dos alunos e dos professores deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto

importante no processo de ensino e aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

7. REFERÊNCIAS

ADEODATO, João Maurício. Bases para uma metodologia da pesquisa em Direito. Seção Doutrina do Saraiva Jr. Antônio Carlos Gil: **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991, p. 48. Disponível em: http://www.saraivajur.com.br/espacoUniversitarioDicasDetalhe.cfm?IdDica=dica_06.cfm>. Acesso em: 14 fev. 2022.

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 88 p.

BRASIL. **Constituição Federal: Promulgada em 05 de outubro de 1988**. Juarez de Oliveira. 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 1994. 190 p.

CHALITA, Gabriel. **PEDAGOGIA DO AMOR: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2005.

_____. **EDUCAÇÃO: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CURY, Augusto. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. Colina, São Paulo: Academia de Inteligência, 2006.

_____. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Do Iluminismo de Rousseau aos dias atuais, São Paulo. Edição especial – Grandes Pensadores. **Revista Nova Escola**. 2005. Disponível em:< <http://revistaescola.abril.com.br/home/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM:** Contribuições de Henri Wallon: Loyola, 2007

KANT, Immanuel (2002). **Fundamentação da metafísica dos costumes** (Coleção Textos Filosóficos) Lisboa: Edições 70. (Originalmente publicado em 1785).

LAFORTUNE, Louse & Saint - Pierre, Lise. **A afetividade e a metacognição na sala de aula.** Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2001.

LEI DE DIRETRIZES E BASES – **LDB.** Brasília, Ministério da Educação, 1999, 59 p.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1990.

MONTEIRO, Janine Kieling. **Relações humanas no trabalho.** Apresentação em *powerpoint*. Escola da Magistratura do Tribunal Regional Federal da 4ª Região. E-mail: janinekm@terra.com.br Disponível em: <http://www.trf4.gov.br/trf4/upload/arquivos/emagis_prog_cursos/janine_kieling_monteiro.ppt#2>. Acesso em: 01 abril. 2022.

NERY, José Reinaldo Cardoso. **Orientações técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos.** José Reinaldo Cardoso e Maria Lúcia Teixeira Borges. Macapá: UNIFAP, 2005.

PAROLIN, Isabel. **Pais Educadores: é proibido proibir?** Porto Alegre: Mediação, 2003.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. **Teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14^o ed.- São Paulo: Summus, 1992.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France; LOUIS, Roland. **Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa.** Psicologia da Educação. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psie/v20/v20a03.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ROCKEMBACH, Arnildo Laurêncio. **Relacionamento alunos–professores na construção do conhecimento.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003. Coleção Fronteiras da Educação.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1986
SALTINE, Cláudio João Paulo, 1935. **Afetividade**: DP&A, 2002.

SANTOS, Boaventura S. **Um discurso sobre as ciências**. 11. ed. Porto, Porte.: Afrontamento, 1999.

SANTOS, Joanna Machado dos; HERMANNNS, Susete Stefani. **Escola aberta: vida e saberes na periferia urbana**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SPINK, M. J., (org.) 2000. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2 ed. *Apud* TEIXEIRA, Mirna Barros. Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2002. 105 p. Disponível em: <http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00003407&lng=pt&nr=iso>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TRABALHO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 31.mar.2022.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.

_____. **Quem ama, educa**. São Paulo: Gente, 2002.

_____. **Adolescentes: quem ama, educa**. São Paulo: Integrare, 2000.

_____. **Disciplina, limite na medida certa**. 63. ed. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula**, 16. ed. São Paulo: Libertad editora, 2006. Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.4.

WALLON, Henry. **Afetividade e aprendizagem** – Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **A psicologia genética**. Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea), 1979.

WERNECK, Hamilton, 1942. **A nota prende, a sabedoria liberta**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS DIRETORES DAS DUAS ESCOLAS.

1) O que você entende por relações humanas?

2) Como é o seu relacionamento com os que integram a escola?

3) Como você acha que professores e pedagogos reagem em face de pessoas difíceis quanto aos relacionamentos?

4) Qual a importância de possuir bom relacionamento com a comunidade extraescolar e para o desenvolvimento da própria escola?

5) Como você acha que é a relação entre professor-aluno e a aprendizagem nessa escola?

6) Qual a importância e influência da afetividade na aprendizagem e na gestão escolar?

ANEXO B

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PEDAGOGOS DAS DUAS ESCOLAS.

1) O que você entende por relações humanas?

2) Como é o seu relacionamento com os que integram a escola?

3) Há quanto tempo você trabalha nesta escola? Como você analisa a afetividade na relação entre professor e aluno?

4) Como é o seu relacionamento com os variados tipos de alunos da escola?

5) Você, como técnico, trabalha as relações humanas com os docentes e discentes que lhes são confiados?

6) Que atitudes são tomadas acerca dos problemas de agressividade que existem ou possam existir na escola? E onde entra o afeto na relação educacional?

ANEXO C

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PROFESSORES DAS DUAS ESCOLAS.

1) No seu entender o que são relações humanas? Como você trabalha a afetividade em sala de aula?

2) Como é o seu relacionamento com os alunos e demais professores da escola?

3) Como é a relação com seus alunos: constrói laços de amizade, de afetividade ou é estritamente profissional?

4) Você acha importante ter contato com os alunos além da sala de aula? Por quê?

5) Qual é o papel do professor na afetividade escolar?

6) Como trabalhar o afeto nas séries iniciais do ensino fundamental? E como deve ser a relação entre professor e aluno?

ANEXO D

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS.

1) Qual o seu entendimento sobre afetividade?

2) Você gosta de seus colegas da sala de aula? Por quê?

3) E de seu professor(a), vocês se dão bem na sala de aula?

4) Você conhece um pouco sobre a vida de seu professor(a)?

5) Como é o seu relacionamento com a sua família?

6) Você gostaria que mudasse alguma coisa na sua relação com os seus colegas e com seu professor(a) na sala de aula?

ANEXO E

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS PAIS DE ALUNOS DAS DUAS ESCOLAS.

1) O que você entende por relações humanas?

2) Como é a sua relação com a escola de seu filho? E com o professor(a)?

3) Como é a relação familiar: Pais x filhos? E como é a criação dada aos filhos?

4) Quais os principais problemas enfrentados nas relações de família?

5) Que medidas podem ser tomadas para solucionar ou amenizar esses problemas?

6) Qual ou quais as vantagens de se criar/educar um filho?
